



## O LUGAR DE VER E O LUGAR DE REFLETIR: A UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS TEATRAIS NO ENSINO DA FILOSOFIA

*José Mauricio de Assis Espinosa<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Uma reflexão sobre como ensinar filosofia com auxílio das técnicas teatrais e das ferramentas próprias da interpretação cênica. Considerando desde a explanação de Platão sobre a alegoria da caverna, onde ele inicia com o 'afigura' ou 'imagina' e descreve sua narrativa de uma forma toda com uma abordagem teatral e passível de ser construída desta forma. Seguindo pelos caminhos de Deleuze e Foucault e suas considerações sobre as abordagens pertinentes ao estudo da filosofia e da aprendizagem, esse artigo tem como objetivo esta reflexão com um aporte na arte do teatro, o 'teatron', o lugar de ver, de enxergar que é também uma questão filosófica, tanto no sentido direto quanto no metafísico. Além de ser uma questão da vivência que é possibilitada pela imersão no mundo das ideias e da imaginação, de forma reflexiva, pragmática e com vistas ao aprendizado da filosofia.

**Palavras-chave:** Ensino, Filosofia, Teatro.

**ABSTRACT:** A reflection on how to teach philosophy with the help of theatrical techniques and the tools of scenic interpretation. Considering from Plato's explanation of the allegory of the cave, where he starts with the 'figure' or 'imagine' and describes his narrative in a whole way with a theatrical approach and capable of being constructed in this way. Following the paths of Deleuze and Foucault and their considerations about the pertinent approaches to the study of philosophy and learning, this article aims at this reflection with a contribution to the art of theater, the 'teatron', the place to see, to see that it is also a philosophical question, both in a direct and metaphysical sense. In addition to being a matter of experience that is made possible by immersion in the world of ideas and imagination, in a reflective, pragmatic way and with a view to learning philosophy.

**Keywords:** teaching, philosophy, theater.

### INTRODUÇÃO:

Ao refletirmos sobre aprendizagem, principalmente a aprendizagem relacionada ensino da filosofia, o que vem ao pensamento de muitos alunos são muitos textos, conteúdos e aulas cansativas, até sonolentas. Claro que não se pode deixar de mencionar que muitos professores estão buscando um resgate e inovando em suas aulas. Porém, ao se pensar no ensino para o nível médio, onde os alunos de hoje estão diante de uma gama sem

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia - UFPEL – Pós graduado em Educação Social e Pós Graduando em Ensino da Filosofia – UFPEL, mauricioespinosa67@gmail.com



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



fim de distrações, se faz necessária esta reflexão, em como fazer uma aula atrativa, o assunto cativante e não perder a qualidade do conteúdo.

Mais que em outros tempos, torna-se crucial a criação de estratégias didáticas que facilitem a superação da distância existente entre as exigências teórico epistemológicas do saber filosófico e as deficiências educacionais de boa parte dos alunos. Quanto maior a distância entre o ponto de partida cultural do aluno e as exigências inerentes ao saber filosófico, maior é a importância das mediações a serem instituídas por instrumentos didáticos adequados; não tendo condições para um acesso autônomo ao conhecimento especializado, esses alunos são os que mais necessitam de auxílio para chegar lá. (Rodrigo 2009, p. 30)

Perceber que desde os pré-socráticos a filosofia foi sendo desenvolvida muitas vezes de forma figurativa, observadora e reflexiva. Desde Thales de Mileto e a água, Anaxímenes e o ar, Heráclito e o devir do seu famoso rio transformador e até em Zenão e sua flecha, quadro a quadro. Sempre a figuração vai ajudando a exemplificar as reflexões dos filósofos, na República Platão ao referir a alegoria da caverna diz que Sócrates inicia seu relato com:

“[...]imagina homens em uma morada subterrânea em forma de caverna, provida de uma única entrada com vista para a luz em toda a sua largura. Encontram-se nesse lugar, desde pequenos, pernas e pescoço amarrados com cadeias, de forma que são forçados a ali permanecer e a olhar apenas para a frente, impossibilitados, como se acham, pelas cadeias, de virar a cabeça. A luz de um fogo aceso a grande distância brilha no alto e por trás deles;...”

Trazendo assim todo um cenário e uma cena a ser construída na mente de seu ouvinte e a isto Glauco responde que *“figuro tudo isto”*, tornando ainda mais clara a alegoria e a intenção figurativa de Sócrates, bem como sua eficácia. Mas nós ao trazermos estes exemplos e relatos para a sala de aula, como os apresentamos? Com um quadro cheio, uma apostila ou uma leitura monótona e sem graça, quando podemos praticamente ‘montar’ a caverna e encenar a alegoria, utilizando recursos simples, mas eficazes.

Refletir sobre este ensinar, sobre esta forma de ensinar nos levará inevitavelmente ao pensamento de Deleuze<sup>2</sup> quanto ao papel da noção de teatro como movimento de

---

<sup>2</sup> Gilles Deleuze escritor e filósofo francês anti-racionalista, nascido em 18 de Janeiro de 1925.



filosofar<sup>3</sup>. E ao pensarmos sobre isto, haveremos também de refletir sobre Foucault e o seu *Theatrum Philosophicum*<sup>4</sup>, quando este diz que “a filosofia ocidental não se interessou pelo teatro, talvez desde a sua condenação por Platão”, e foi preciso “esperar por Nietzsche para que, uma vez mais, a questão da relação entre a filosofia e o teatro fosse formulada com toda sua acuidade à filosofia ocidental”<sup>5</sup>.

Desta forma temo o objetivo de não apenas refletir, mas também propor possibilidades práticas de fomentar o ensino da filosofia como se caminhássemos nas calçadas como os peripatéticos.

Sendo assim devemos considerar, refletindo, encenando e afigurando desde o mundo das ideias até Deleuze, Foucault e tantos como Nietzsche e Kierkegaard, ou ainda Heidegger e percorrer este caminho que leva ao ser:

“O caminho que leva ao ser – pensa Heidegger – passa pelo homem, na medida em que está sozinho para interrogar-se sobre si mesmo, colocar-se em questão e refletir sobre seu próprio ser. O filósofo deve, portanto, partir da existência humana (na linguagem heideggeriana, *dasein*: ser-aí), tal como se dá imediatamente à consciência, a fim de elevar-se até o desvendamento do ser em si mesmo, último objetivo de toda reflexão filosófica.”(Heidegger – Vida e Obra, 1999, Editora Nova Cultural Ltda. Comentário de Marilena de Souza Chauí)

No estudo das artes cênicas e nos cursos de iniciação teatral, se percebe uma busca de si mesmo, para se interpretar um personagem há de se conhecer a si mesmo. Esta correlação com Heidegger é uma reflexão deste ‘ser aí’, algo que acredito bem figurado no ambiente cênico e uma forma também se buscar um entendimento de sua filosofia.

Refletindo em Foucault, pela sua intensa rendição ao teatro como forma de expressão e de forma de fazer filosofia sem, no entanto, perder a objetividade em nossa busca pedagógica e filosófica. Refletindo sobre a educação, sobre a filosofia e sobre as técnicas e ferramentas teatrais pretendemos objetivar esta reflexão para que tenhamos uma colheita conceitual e efetiva no modo de se ensinar filosofia.

---

<sup>3</sup> Araya (2019) e Vasconcellos (20210) destacam o aspecto central da noção de teatro para a compreensão da filosofia de Deleuze.

<sup>4</sup> *Theatrum Philosophicum* é o título que Foucault (2005, p. 230-254) dá a seu artigo sobre a prática filosófica de Deleuze quando analisa *Diferença e Repetição* e *Lógica do Sentido* na revista francesa *Critique*.

<sup>5</sup> FOUCAULT, “La scène de la Philosophie”, In. DE3, p. 571; trad. vol. VII, p. 222.



A educação tem passado por um sem fim de mudanças de enfoques pedagógicos, em especial a filosofia, mãe de todas as disciplinas foi perdendo seu lugar, deixando de ser o que foi originariamente. Claro que sabemos que se desmembraram inúmeros campos advindos dela, os primeiros filósofos sabiam muito mais de temas transversais e interdisciplinaridade do que todo o implemento atual do novo ensino médio. Praticavam a biologia, a botânica, a astronomia, a física e a química entre outras e conjuntamente com a filosofia.

Hoje a filosofia ficou resignada a ética, epistemologia e a estética basicamente. Tenta-se a aplicação filosófica aos novos temas como Projeto de Vida<sup>6</sup> e aspectos da cidadania. Um pragmatismo e um senso de eficiência sinalizam ser melhor produção do que reflexão, notoriedade do que ética. E ainda no pouco que se leva até o aluno sobre a filosofia, leva-se de forma pesada, densa e cansativa. Pois em uma grande maioria de escolas, principalmente estaduais<sup>7</sup>, onde se coloca professores de outras áreas para lecionar a disciplina. Com esta realidade triste, a qualidade do ensino é relegada a um segundo plano.

Distante das abordagens iniciais, mas com as mesmas carências existenciais. Num mundo líquido e teatral, a realidade, o valor de verdade e percepção de si e do ser, são deixados de lado e desestimulados pelos educadores. Então se faz necessário este enfoque e porque não dizer este resgate da filosofia através de uma abordagem que aproxime as demandas de uma sociedade em crise de identidade com a autenticidade filosófica essencial. Sem deixar de considerar o aspecto líquido<sup>8</sup> de nosso tempo, precisamos pensar uma educação filosófica que utilize algumas ferramentas de comunicação mais imersivas, inclusivas e também simplificadoras.

A utilização da dramatização e da encenação teatral poderá criar este ambiente de maneira a fazer com que os alunos tenham percepções sensoriais múltiplas e assim uma maior captação e absorção do aprendizado proposto. Como conclui Deleuze, toda nossa

---

<sup>6</sup> Trata-se de um planejamento para o futuro, que inclui seus interesses, sonhos e objetivos. Através deles, é importante entender o papel que se exerce no mundo e designar estratégias para executar o planejamento. De acordo com a BNCC.

<sup>7</sup> Realidade observada em escolas do Rio Grande do Sul.

<sup>8</sup> Bauman em *Modernidade Líquida: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tudo passa a ser frágil, fugaz e maleáveis, como os líquidos. Tudo o que é sólido se dissolve no ar.



capacidade de criação do pensamento está relacionada com uma ação prática<sup>9</sup>. E ainda citando o pensamento de Deleuze que alude a identificação do caçador com a caça quando a espreita desta e nos mostra que é necessário estar à espreita, atento ao acontecimento que se passa<sup>10</sup>. Logo na introdução Em *Diferença e Repetição*, Deleuze analisa o movimento do pensamento como um teatro em contraposição à representação e exemplifica como atores que souberam usar a técnica de produção teatral conceitual Nietzsche e Kierkegaard e desenvolveram novas formas de ‘fazer’ filosofia’, com linguagem cênica e teatral.

É neste sentido que algo completamente novo começa com Kierkegaard e Nietzsche. [...] Eles inventam, na filosofia, um incrível equivalente do teatro, fundando com isso, o teatro do futuro e, ao mesmo tempo, uma nova filosofia. (DELEUZE, 2018, p. 26).

Desta forma podemos inferir que através deste tipo de pensamento dramatizado, cênico, o conceito ‘encarna’ e se atualiza, criando vida no cenário mental e docente. Trazendo assim uma conceituação empirista e experiencial no ambiente da sala de aula.

Mas precisamos ainda verificar com um pouco mais de atenção as reflexões de Foucault sobre a questão e para isto precisamos pensar este ‘teatro filosófico’. Pois para encenar um texto filosófico, precisamos abandonar certos pressupostos da tradição filosófica e estarmos abertos para um novo modo de pensar filosófico. Fazendo de certa forma uma desconstrução não só no modo de ‘dar aula’ mas também de como abordar a filosofia e seus conceitos.

Em primeiro lugar esta desconstrução da abordagem tradicional, teremos que passar pelo aspecto do uso das metáforas, como mencionamos, mas agora com o objetivo de verificar a abordagem de Foucault. As metáforas foram amplamente utilizadas, na *maieutica*<sup>11</sup> a figura do parto de Sócrates, a alegoria da Caverna<sup>12</sup> já mencionada, a figura da pomba e a resistência do vento em seu voo de Kant<sup>13</sup> ou ainda a utilizada por Nietzsche<sup>14</sup> do filósofo sendo jogado pela natureza como uma flecha no meio dos homens. De acordo com

<sup>9</sup> Deleuze; Parnet, 1998, p. 49.

<sup>10</sup> DELEUZE, 2008.

<sup>11</sup> PLATÃO, *Teeteto; Crátilo*, p. 45. (149a)

<sup>12</sup> PLATÃO, *A República*, p. 263-267.

<sup>13</sup> KANT, *Crítica da razão pura*, p. 41; B9.

<sup>14</sup> NIETZSCHE, “III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador”, p. 235.



Claus Langbehn, “a metáfora do teatro ocupa um lugar proeminente na filosofia e em sua história”<sup>15</sup>.

Sendo assim passamos a uma citação de Foucault:

Houve a filosofia-romance (Hegel, Sartre); houve a filosofia-meditação (Descartes, Heidegger). Eis, após Zaratustra, o retorno da filosofia-teatro; não absolutamente reflexão sobre o teatro; não absolutamente teatro prenhe de significações. Mas filosofia tornada cena, personagens, signos, repetição de um acontecimento único e que jamais se reproduz.<sup>16</sup>

Dentro deste universo que foi nos sendo mostrado através de alegorias, figurações. Metáforas e um sem fim de diálogos nos livros de Platão, percebemos um delineamento de como Deleuze chama ‘um novo modo de fazer filosofia’ ao se referir a Nietzsche. Foucault corrobora esta afirmação e demonstra seu fascínio quando diz:

Gostaria de tentar descrever a maneira como os homens do Ocidente viram as coisas sem nunca perguntarem se eram verdadeiras ou não, tentar descrever a maneira como eles mesmos mostraram, por meio do jogo do seu olhar, o **espetáculo do mundo**. No fundo, pouco me importa que a psiquiatria seja verdadeira ou falsa. De todo modo, não é essa a pergunta que me faço. Pouco me importa que a medicina diga erros ou verdades, isso importa muito para os doentes, mas, para mim, como analista, não é isso que me interessa, tanto mais que não sou competente para fazer a separação entre o verdadeiro e o falso. Gostaria, porém, de saber como se **encenou a doença**, como se **encenou a loucura**, como se **encenou o crime**, por exemplo, ou seja, como se o percebeu, qual valor se deu à loucura, ao crime, à doença, qual **papel** se lhes fez desempenhar. Gostaria de fazer uma **história da cena** na qual, em seguida, se tentou distinguir o verdadeiro e o falso, mas não é essa distinção que me interessa, mas, sim a **constituição da cena e do teatro**. Gostaria muito de descrever o **teatro da verdade**. Como o **ocidente construiu para si um teatro da verdade, uma cena da verdade**, uma cena para a racionalidade que se tornou, agora, uma espécie de marca do imperialismo dos homens do ocidente, pois sua economia, a economia ocidental, talvez tenha chegado ao termo de seu apogeu, o essencial das formas de vida e das dominações políticas do Ocidente sem dúvida atingiu seu termo. Mas resta alguma coisa que o Ocidente certamente terá deixado para o resto do mundo, uma certa forma de racionalidade. Uma certa forma de percepção da verdade e do erro, **um certo teatro do verdadeiro e do falso**.<sup>17</sup>

E aqui ele intensifica a questão do significado da palavra grega que designa ‘teatro’, o lugar de ver, como uma questão filosófica, mais do que isto uma questão primordial, descrevendo seu desejo de descrever como se vê, como se percebe, levando a questão para um grande teatro, para uma inferência sobre a cena e o que dela se enxerga. Onde não se

<sup>15</sup> LANGBEHN, “Teatro”, p. 505.

<sup>16</sup> FOUCAULT, “Ariane s’est pendue”, In. DE1, p. 768; trad. vol. II, p. 142.

<sup>17</sup> FOUCAULT, “La scène de la philosophie”, In. DE3, p. 571-572; trad. vol. VII, p. 223. (Grifo meu).



pode perceber o que é verdadeiro ou não, onde se encena um viver e onde não se pode desvendar o que é cênico ou não. Onde, segundo a definição de Constantin Stanislavski, “Representar verdadeiramente significa estar certo, ser lógico, coerente, pensar, lutar, sentir e agir em uníssono com o papel”<sup>18</sup>. Ou seja, o que Foucault pretende não é questionar saberes estabelecidos, seus valores de verdade ou não, mas sim apresentar conceitos de forma representativa, figurativa e assim estabelecer inferências e aprendizados.

Fugindo da dicotomia do verdadeiro ou falso, o que se busca é a representação conceitual de saberes. Sendo assim ele nos convida a experiência teatral quando afirma que o livro *Diferença e repetição*, de Gilles Deleuze, “é o teatro, a cena, a repetição de uma nova filosofia: sobre o palco nu de cada página”<sup>19</sup>. É sob essa perspectiva que ele nos convida a abrir o livro de Deleuze, do mesmo modo “como se empurram as portas de um teatro, quando se acendem as luzes de uma rampa e a cortina se levanta”<sup>20</sup>. Para ele, a filosofia de Deleuze, assim como a de Nietzsche, pode ser encarada como uma filosofia-teatro.

Ao referir o teatro deleuziano ele nos aponta uma maneira diferenciada de se fazer a filosofia, o questionar, através do encenar figurativo dos conceitos e do pensar as diferenças. Cita ele que “o livro de Deleuze é o teatro maravilhoso onde se apresentam, sempre novas, essas diferenças que nós somos, essas diferenças que fazemos, essas diferenças entre as quais vagamos”<sup>21</sup>.

Tendo aqui um ponto para nosso contraponto, nossa reflexão que busca no teatro como ferramenta para o ensino da filosofia e ainda mais do que isto uma viva desconstrução do modelo tradicional do mestre inquestionável, que faz suas indagações de acordo com seus conceitos pré prontos, já descritos em seu ‘livro do saber’, em seu caderno com perguntas e respostas prontas, em seu gabarito de medir saberes. Pois no refletir diferente, refeletindo diferenças, pode-se acabar encontrando novas reflexões e ainda outros novos questionamentos. Este pensamento que não obedece o modelo escolar, que expande o pensamento e que provoca o livre pensar e assim se chega ao anseio de não só ensinar teorias sobre a filosofia, mas sim provocar o filosofar. Pois assim como o ensino da história

---

<sup>18</sup> STANISLAVSKI, *A preparação do ator*, p. 43.

<sup>19</sup> FOUCAULT, “Ariane s’est pendue”, In. DE1, p. 768; trad. vol. II, p.142.

<sup>20</sup> Idem, p. 768; trad. p. 142.

<sup>21</sup> Idem, p. 771; trad. p. 144.



deve trazer reflexão, sobre o que foi e o que deveria ser, apenas o ensino teórico, ainda que muito valioso, pode não provocar a reflexão crítico filosófica.

Além de seu interesse pelo teatro, Foucault incentivou e até atuou, criou um teatro radiofônico intitulado 'O uso da palavra'. E como ele afirma:

(...) acho que o teatro vira as costas para a festa, vira as costas para a loucura, que ele tenta atenuar os poderes dela, controlar sua forma subversiva em benefício de uma bela representação. O teatro, no fundo, rasga os participantes da festa, para fazer nascer, de um lado, os atores, e então, do outro, os espectadores. Ele substitui a máscara da festa, que é uma máscara de comunicação, por algo que é uma superfície de papelão, de gesso, mais sutil, porém que esconde e separa.<sup>22</sup>

E ao comentar sobre ele, Roberto Machado<sup>23</sup> diz:

"Foucault possuía como poucos a capacidade de dramatizar as ideias, criar novos conceitos. Suas aulas e seus livros, ao revestir de imagens a precisão conceitual, são de uma beleza extraordinária. Talvez tenha sido o maior orador e escritor francês contemporâneo. Sabia dizer as coisas como ninguém: com beleza e rigor"<sup>24</sup>

Procurando agora sistematizar o que observamos até aqui e utilizando a fala de Badiou:

No fundo, o teatro e a filosofia têm a mesma questão: como se dirigir às pessoas de modo que elas pensem sua vida de uma maneira diferente de como fazem habitualmente?<sup>25</sup>

Afinal o teatro-filosófico que propomos é com este enfoque, possibilitando em lugar de ver e de refletir. Neste refletir se não se transforma o que fazemos habitualmente e a nós mesmos em nosso modo de ser e de agir como docentes e também como aprendizes deste campo tão vasto, então não haveria motivo para tal reflexão. Porém, sabedores que somos de nossa árdua tarefa neste campo, prosseguimos com este objetivo muito claro: resgatar o ensino da filosofia com o auxílio destas ferramentas para que os alunos desejem estas aulas, reflitam sobre elas e assim, quem sabe, peguem gosto pelo pensar.

Finalizando esta abordagem com uma prática reflexiva e teatral, descrevendo a sala de aula para uma abordagem<sup>26</sup> do mito, ou como preferimos a Alegoria da Caverna de Platão:

<sup>22</sup> FOUCAULT, *La grande étrangère: à propos de littérature*, p. 28; trad. p. 31-32.

<sup>23</sup> Roberto Machado é natural de Recife, Pernambuco. Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (1965), Mestre (1969) e Doutor (1981) em Filosofia pela Université Catholique de Louvain, Bélgica, acompanhou os cursos do filósofo francês Michel Foucault em Paris, entre 1973 e 1981.

<sup>24</sup> MACHADO, *Impressões de Michel Foucault*, p. 69.

<sup>25</sup> BADIOU, *Elogio ao teatro*, p. 31.

<sup>26</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Xk6gdsCtIjQ&t=35s>



Iniciamos transformando a sala através de um refletor colocado ao fundo da sala de aula, fazendo com que as sombras dos alunos seja projetada na parede onde fica o quadro, já causando um aspecto cênico. Criando um ambiente reflexivo, podendo fazer um certo mistério sobre o que estaria acontecendo, mas fazendo uma narrativa breve do texto da República de Platão.

No momento seguinte solicitando que a primeira fileira de classes ocupasse o lugar dos homens acorrentados, enquanto os demais geram imagens através das projeções das sombras, com objetos diversos. Após este momento uma breve explicação do texto seguido de um novo momento onde se compara os quartos dos alunos a cavernas e seus celulares e notebooks com as paredes da caverna e assim trazer o questionamento de o que realmente é verdade, no que se acredita ver ou perceber.

A construção desta imagem da caverna e a correlação desta metáfora com as realidades destes quartos adolescentes, onde telas de televisões e de computadores apresentam estas distorções da realidade, serão os tópicos reflexivos desta apresentação. Assim como a virtualidade apresentada em alguns filmes como *Matrix*<sup>27</sup>, que além de dar subsídios para a apresentação da teoria do cérebro em cubas, de Hilary Putnam, nos oferecem uma aproximação em termos de tecnologias, a alguns conceitos filosóficos, mas com uma linguagem atraente aos alunos acostumados com jogos. Podendo também serem abordados cenicamente, inserindo assim os alunos na situação e gerando a reflexão desejada.

Os conceitos de dialética e maiêutica de Sócrates também podem ser transformados em cenas, seja com o texto tal como é, seja com noções de debate filosófico com os alunos mostrando suas percepções e pontos de vista, mas de forma vivenciada e dirigida para o ensino e a aprendizagem. Da mesma forma a Apologia de Sócrates pode se transformar em peça teatral e se refletir sobre o tema, sobre a defesa da verdade e do direito de se pensar.

Não queremos de forma alguma, desprezar tantas abordagens cheias de criatividade, de tantos professores de filosofia que buscam e fazem aulas cheias de atrativos e abordagens filosóficas diferenciadas. Mas se perceber que por muitas vezes haver uma

---

<sup>27</sup> *Matrix* é um filme dirigido por Lana Wachowski e Lilly Wachowski com Keanu Reeves, Laurence Fishburne.



utilização de professores de outras áreas, na docência da filosofia, por vezes conteudistas apenas, não por mal, mas acabam trazendo o tipo de aula mencionada no início.

Pode-se relacionar o “ser ou não ser” de Shakespeare às reflexões existencialistas? Quantas relações se pode traçar com reflexões filosóficas e a dramaturgia? Quantas reflexões filosóficas foram encenadas na história da humanidade? Quanto se pode abordar com estas obras?

Como poderíamos ser um pouco peripatéticos, senão caminhando e filosofando com nossos alunos? Mas seríamos ainda mais encenando o pensamento aristotélico com riqueza cênica e reflexiva, não haveremos de lograr maior êxito?

Grosso modo, estes exemplos trazem uma nuance do que se pode provocar através de uma exposição mais cênica e com a utilização das técnicas e ferramentas teatrais no ambiente docente, para auxiliar a apresentação de conceitos filosóficos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Diante de tudo o que falamos até aqui se faz necessário considerar o momento atual, a virtualidade da vida, onde somos convidados a sermos fragmentados, em parte o que somos e como vivemos no mundo e na sociedade que consideramos ‘real’ e aqueles que somos nas mídias sociais. Com perfis filtrados, retocados, maquiados e distanciados do ser real, confusos existencialmente, confusos socialmente e ainda aprisionados nas cavernas sendo conduzidos pelas imagens projetadas nos celulares, cada vez mais distantes do que realmente somos.

Parece até contraditório a proposta teatral, mas essencialmente a arte cênica de uma forma interessante projeta na verdade um encontro maior com o ser real, através da empatia analógica e a encarnação personificada do outro e de sua realidade vivenciada, trazendo uma aproximação maior do autoconhecimento e do refletir das conceituações filosóficas. Gerando assim uma saúde social, empática e altruísta, através desta vivência que causa uma imersão nesta cena conceitual, impactando tanto o ator quanto a plateia com esta representação do conceito.



Considerar estes aspectos é querer causar o livre pensar, mais do que trazer conteúdos, mais do que passar informações. Pois não ensinamos filosofia de fato se não provocarmos o pensar reflexivo e crítico, não só do mundo, mas de si mesmo. De forma a gerar seres pensantes. Com ousadia questionadora, mas também com uma prática auto reflexiva, não negligente ou ingênua, mas eficaz, conceitual e exploratória, no sentido investigativo do pensar. Provocando assim o surgimento de novos pensadores ou pelo menos, novos pensamentos, novas abordagens, ousadas no sentido de suspensão de juízo, livres de padrões engessados de ensino e com a experiência empática do momento reflexivo, pelo ângulo proposto pelo pensador e autor do conceito. Seja na caverna de Platão, seja utilizando o anel de Gíges ou ainda adentrando no rio de Heráclito, tantas quantas forem as vezes necessárias, sem nunca repetir a experiência devido a transformação gerada pela ação conceitual da cena revivida.

Assim como o olhar desafiador e provocativo de Foucault que nos convida a esta experiência também, mas do ângulo docente, do professor que se desafia, ousa, atua e encarna o personagem necessário, no cenário que for preciso para gerar o aprendizado em seus pupilos. Se preciso for como o mestre maior, que se cinge de uma toalha e lava os pés de seus discípulos para que estes aprendam a humildade de forma figurativa e prática ao mesmo tempo e assim transforme a lição em uma aula inesquecível.

E é com este olhar que encerro estas considerações, mas não as questões, pois elas passarão a nos imprimir sua força para que sigamos em frente, com esperança e otimismo, mas com a seriedade necessária para sempre priorizar o que é essencial e autêntico em nosso existir enquanto docentes.



## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Francesco Paolo. “A tarefa do intelectual. O modelo socrático”. In: *Foucault: a coragem da verdade*. Org. Frédéric Gros. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Ana Maria Valente. 3ª. ed. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- BALBIER, E. DELEUZE, G. y otros. *Michel Foucault, filósofo*. Tradução de Alberto Luis Bixio. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.
- BADIOU, Alain e TRUONG, Nicolas. *Elogio ao teatro*. Tradução de Marcelo Mori. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. 44 Cartas do mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011b.
- CARLSON, Marvin. *Teorias do teatro: estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FOUCAULT, “La scène de la philosophie”, In. DE3, p. 571; trad. vol. VII, p. 222.
- EPICTETO. *Arte de viver*. Interpretação de Sharon Lebbel; tradução de Maria Luiza Newlands. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- HEIDEGGER – Vida e Obra, 1999, Editora Nova Cultural Ltda. Comentário de Marilena de Souza Chauí.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- MARTINS, Cláudia Maria. *Fora da Ordem: Foucault e a Exclusão na Idade Clássica*. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.



NIETZSCHE, Friedrich. “III Consideração Intepestiva: Schopenhauer educador”. In, NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho, 4a ed. rev. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

PINHO, Luiz Celso. “A presença de Nietzsche no pensamento de Foucault”. In. *Princípios*. Natal, v. 16, n.26, jul/dez. 2009, p. 167-187.

PLATÃO. *A República*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.

PUTNAM, H. *Razón, verdad e história*. Madrid: Tecnos, 1988.

RODRIGO, L. M. *Filosofia em sala de aula – teoria e prática para o ensino médio*. São Paulo: Autores Associados, 2009.

STANISLAVSKI, Constantin. *A preparação do ator*. Tradução de Pontes de Paula Lima. 25ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

<https://citacoes.in/citacoes/104536-michel-foucault-a-ficcao-consiste-nao-em-fazer-ver-invisivel-ma/>

[http://sisbi.ufpel.edu.br/arquivos/PDF/Manual\\_Normas\\_UFPel\\_trabalhos\\_academicos.pdf](http://sisbi.ufpel.edu.br/arquivos/PDF/Manual_Normas_UFPel_trabalhos_academicos.pdf)

<https://www.youtube.com/watch?v=Xk6gdsCtIjQ&t=35s>

---

*Recebido: 29/08/2022*

*Aprovado: 28/09/2022*